

Ressaltamos que os textos produzidos na segunda metade do Século XX, sobre os pintores e sobre suas produções artísticas, não foram desconsiderados, embora tentássemos encontrar outros documentos que pudessem confirmá-los.

1 A HISTORIOGRAFIA DA PINTURA BAIANA E SUA MEMÓRIA

A Bahia sempre foi favorável à atuação dos artistas, fossem representantes das artes identificadas como “menores” ou ligados às Belas Artes, entre os Séculos XVIII e XX. Nossa historiografia tem conseguido resgatar muitos deles, contudo, faz-se necessário reavaliar alguns momentos para entender a participação de outros personagens no desenvolvimento das artes baianas.

A tese se debruça sobre o esquecimento historiográfico de um grupo de pintores envolvidos com a Escola de Belas Artes da Bahia (Ebab), que permaneceram na instituição por boa parte da primeira metade do Século XX, e confronta algumas informações publicadas sobre eles, reconstruindo suas histórias através de suas obras, relatos oficiais da Ebab e informações encontradas nos arquivos públicos brasileiros, buscando entender se a falta de interesse, ao longo dos últimos 80 anos, ocorreu por falta de méritos artísticos ou por outras questões.

Para tanto, foi preciso confrontar a ideia positivista de documento como fundamento do fato histórico (LE GOFF, 2013, p. 486). Os documentos oficiais da Ebab, principalmente aqueles produzidos entre 1930 e 1960, quase não comentam sobre os artistas estudados, com exceção do trabalho de Octávio Torres que desenvolveu uma breve biografia dos artistas na década de 1940 e artigos de alguns professores na década de 1950, muitos deles contratados depois de 1930.

Ao verificar os relatos produzidos até a década de 1920 pela Escola e também fora da instituição, fica nítida a mudança de discurso. Como a Ebab guarda em seu arquivo ampla documentação oficial, sendo responsável pela produção de diversos textos sobre sua própria história e sobre a vida de seus professores, decidimos começar pela leitura de suas atas, desde sua fundação, em 17 de dezembro de 1877, até a década de 1950, com a intenção de entender tais mudanças. Muito do que foi encontrado constitui os capítulos desta tese, informações que auxiliarão o leitor na compreensão

de tal mudança de postura por parte da instituição e, conseqüentemente, da compreensão do papel dos artistas nas artes baianas.

A memória da Ebab, registrada por seus professores e/ou ex-alunos, deve ser reavaliada sobre outros olhares. Nenhum período está totalmente esgotado e sempre há novas considerações a serem levantadas. Um bom exemplo dessa premissa reside nas décadas de 1960 e 1970, cujos documentos recentemente pesquisados na Escola, pela comissão da verdade,¹ revelaram fatos relacionados a alunos e professores supervisionados por serem de países comunistas, além dos contatos entre diretores e o exército. Os arquivos da Ebab ainda podem surpreender muitos pesquisadores, desde de que haja um olhar mais crítico sobre eles.

A Escola forneceu, e ainda fornece, muitas das informações biográficas e históricas sobre pintores, escultores e arquitetos na transição do XIX para o XX. Suas atas de Congregação, de Conselho técnico, seus livros de registro de matrículas, correspondências recebidas e expedidas ainda são mencionadas quando se quer desenvolver pesquisas sobre os artistas do período comentado.

Além do arquivo da Ebab, existem alguns livros e artigos que ainda servem de referência para muitos pesquisadores que estudam a arte baiana na transição do Século XIX e os primeiros 20 anos do Século XX. Entre eles, destacam-se: Manuel Querino (*Artistas Baianos e Artes na Bahia*), Braz Hermenegildo do Amaral (*Fatos da Vida do Brasil*) e Laudelino de Oliveira Freire, com seus verbetes sobre os pintores baianos para o livro *Galeria histórica dos pintores no Brasil*, publicado pela Typografia Röhe do Rio de Janeiro (1916).

Manoel Lopes Rodrigues e Archimedes José da Silva entraram na pesquisa de Laudelino Freire porque estavam ligados à capital federal, Lopes Rodrigues como pensionista da Academia Imperial de Belas Artes e Archimedes como integrante do círculo de aquarelistas fluminenses. Oséas Alves dos Santos só foi comentado porque era conterrâneo do autor. Os outros pintores baianos não mereceram verbetes.

¹ Durante o governo de Dilma Russeff, um grupo de historiadores acessou o arquivo documental da EBAB em busca de informações sobre a intervenção da ditadura militar.

Adalberto Mattos (1922) também escreveu sobre as artes e sobre os artistas baianos para a Revista *Ilustração Brasileira*. Seus comentários se basearam nos livros de Manuel Querino.

Outro que se interessou pelas artes baianas foi Acácio França (2011, p. 55). Mesmo não tendo se aprofundado nas biografias nem em suas produções, registrou vários nomes desde a fundação da Academia de Belas Artes da Bahia (Abab) até a década de 1920: Manoel Lopes, Vieira de Campos, Antonio Lopes Rodrigues, Agrippiniano de Barros, Manuel Querino, Oséas Santos, Etelvina Soares, Conceição Foeppel, Maria Constança Lopes Rodrigues, Sócrates Rodrigues, Archimedes José da Silva, Antonio Olavo Baptista, Antonio Freire, Apolônio do Espírito Santos, Cirylo Marques, Lourenço Conceição, Presciliano Silva, Cicero Valadares, Robespierre de Farias, Filomeno Cruz, Alberto Rebello, Octavio Torres, Alberto Valença e Álvaro Barros. O autor só destacou Manoel Lopes e Presciliano Silva. Muitos aguardam pesquisas.

Foi também na década de 1920 que Carlos Chiacchio e um grupo de intelectuais baianos, influenciados pelas discussões modernistas, passaram a incentivar uma renovação nas artes, consideradas por eles “estagnadas”. Faziam parte do grupo os pintores Presciliano Silva e Alberto Valença, ambos ex-alunos da Ebab.

O jornalista, médico e escritor Carlos Chiacchio foi, sem sombra de dúvidas, o maior articulador entre os jornais baianos para a divulgação dos novos artistas. Em 1927, fez o prefácio para a exposição de Presciliano Silva no Gabinete Português de Leitura, traçando o perfil do artista (DE BELLAS...1927, p. 37). Pintores e jornalistas baianos reconheciam o mérito do conterrâneo, e os jornais baianos estão recheados de informações. Alberto Valença também era seguido de perto pelos jornais locais e sua produção mereceu diversas notas em jornais de Salvador, principalmente de Carlos Chiacchio.

A importância de Carlos Chiacchio para a arte baiana já é reconhecida, entretanto, é necessário perceber que sua relação com esses artistas ultrapassava a visão crítica.

² Chiacchio era amigo de Presciliano Silva e também de Alberto Valença, e juntos

² Carlos Chiacchio era filho de Jácome Rafael Chiacchio e de D. Patrícia Correia. “Nasceu em 04 de julho de 1884, na cidade de Januária, Minas Gerais. Chegou em Salvador em 1895”, segundo Mascarenhas (1979).

passaram a discutir os rumos da arte na Bahia. Seus textos ajudaram a consagrar seus nomes em nosso estado.

Foi um momento de conflitos entre artistas e engenheiros dentro da Ebab, e que resultou no afastamento de parte dos pintores estudados. Desse momento em diante, há uma nítida mudança em nossa historiografia. Os pintores afastados da Escola, deixam de ser mencionados.

Entre eles estavam Oséas Alves dos Santos, Agrippiniano de Barros, Etelvina Rosa Soares, Antonio Olavo Baptista e Lourenço Conceição. Com nova Congregação e novos professores, a Escola ganhou destaque nos jornais baianos. A instituição passava a imagem de harmonia, tentando criar publicamente uma ideia de que tudo corria bem e que as mudanças ocorridas seguiam a linha do progresso colocada em marcha na Europa e copiada no Brasil. Destacavam-se os pintores Presciliano Silva, Alberto Valença e Mendonça Filho, os dois últimos recém-chegados da Europa.

Com os Salões da Ala das Letras e das Artes (ALA) (1937-1948), criado dentro da Ebab, diversos textos, produzidos por Carlos Chiacchio, evidenciaram os professores da Escola e o progresso das artes na Bahia. Ele também foi contratado como Professor da Escola, contribuindo para o fortalecimento daquele grupo. Enquanto isso, os antigos professores afastados passaram a ser evitados nos textos oficiais. Sobre a operação historiográfica, Certeau (1982, p. 57) lembra que:

a escrita histórica se constrói em função de uma instituição [...]. Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.

Para Michael Pollack (1989, p. 5), a memória oficial e memória subterrânea “não remete[m] forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil”. Ele afirma que “encontramos com mais frequência entre grupos minoritários e sociedade englobante”. Conversando sobre a função de uma memória Nacional, Pollack (1989, p. 9) reflete que:

A memória [...] se integra, como vimos, em tentativas mais conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre

coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc.

Nesse sentido, o grupo de professores engenheiros, que entraram na Ebab junto com José Nivaldo Allionni, se protegeu em torno de um objetivo comum. De meados da década de 1930 em diante, o ocultamento dos antigos professores se iniciou, criando outras versões para a saída desses. É importante destacar que nos arquivos da Ebab, ainda podemos encontrar pastas de todos os professores que foram contratados na gestão de Allionni, mas nenhuma pasta dos professores afastados.

Manoel Lopes Rodrigues é uma exceção entre os antigos. Apesar de a Escola não produzir textos sobre sua produção, ele sempre foi exaltado, sendo mais referenciado como professor que revelou Presciliano Silva e Alberto Valença. Manoel Lopes Rodrigues fora da Bahia foi um desconhecido até a sua morte, deixando esposa, vários filhos e dívidas (FRANÇA, 1918, p. 12).

Carlos Chiacchio foi contratado pela Ebab na década de 1930, momento em que alguns dos artistas valorizados em seus antigos textos já eram professores de lá. Segundo as Atas das Sessões de Congregação, Chiacchio ministrou aulas de Estética, disciplina também voltada à formação dos arquitetos (ATA... 1946, p. 77). Chiacchio foi um defensor ferrenho da gestão que afastou os antigos professores, chegando a chamar José Nivaldo Allionni e seus companheiros de “heróis” (CHIACCHIO, 1931, p. 3).

Sobre Mendonça Filho, que entrou na Escola em 1931, a ênfase dos textos de Chiacchio destacava sua formação no exterior, relacionando-o com nomes do iluminismo italiano como: Mariano Fortuny, Francesco de Nicola, e também ao espanhol Joaquim Sorolla. Chiacchio escreveu diversas notas e pequenos artigos de jornais sobre o pintor durante a década de 1930 e 1940, tornando-se grandes amigos.

Dulce Mascarenhas (1979) lista vários textos de Chiacchio para os rodapés semanais do jornal *A Tarde*. Foram 05 notas sobre Mendonça Filho nos dias 12 de janeiro de 1932, 11 de outubro de 1939, 24 de setembro de 1941, 30 de setembro de 1942 e 03 de outubro de 1945.

É difícil encontrar qualquer texto ligado à Ebab, entre 1932 e 1950, que apresente detalhes sobre os antigos pintores. As sucessivas gestões, de José Nivaldo Allionni

(entre 1928 e 1941) Américo Simas (entre 1941 e 1944), Leopoldo Amaral (entre 1944 e 1947) e suas substituições, em breves períodos, por outros professores, determinaram muito do que foi escrito sobre a Escola.

Entendemos que não houve imparcialidade, pois aquele grupo de professores, contratado durante o conflito, foram beneficiados pelas mudanças. A influência da Escola sobre as artes baianas direcionou muitos estudos, sendo pertinente recordar que a história construída depois do afastamento dos antigos professores foi criada através de relatos do lado vencedor, para qual a renovação no cenário artístico era uma meta.

Abordando sobre as diferenças entre memória histórica e memória coletiva Maurice Halbwachs (1990, p. 14) apresenta uma notável distinção:

A memória histórica, de um lado que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a memória coletiva, de outro, aquela que recompõe magicamente o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolve-se as diversas formas de memórias, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam.

É nítido para qualquer pesquisador que os textos produzidos oficialmente por professores da Ebab na década de 1940 evitaram alguns fatos, e uma simples busca entre os jornais da época pode constatar os conflitos pelos quais a Escola passava. Era um momento de planejamento para a criação da Universidade da Bahia (UBA) e nenhum conflito deveria ser apontado.

Fora da Escola os antigos pintores continuavam a produzir e a expor, tanto na Bahia quanto em outros estados. É importante notar a narrativa desenvolvida por Maria de Bethânea (1936, p. 624) para a Revista Excelsior. Um texto independente, de fora da Ebab, que, além de evidenciar a produção dos três artistas consagrados, não deixou de fora os esquecidos:

Se o meio não fosse indiferente, e os poderes públicos auxiliassem as vocações que despontam promissoras teríamos, hoje, as fileiras de artistas pintores acrescidos de alguns nomes que, em 1909, Manoel Lopes Rodrigues vaticinava³ “seriam mais tarde artistas notáveis”. Eram eles: Olavo Baptista, Philomeno Cruz, Alberto Rebello e Antonio Freire (falecido).

³ Grifo nosso: “Predizia o futuro”.

Institucionalmente, a memória da Escola foi alterada com a intenção de esconder os fatos ocorridos no final da década de 1920. Entendemos que o afastamento dos antigos professores se tornou um marco histórico, comprovado por inúmeros documentos internos da Ebab, que serão apresentados nesta tese. O evento desencadeou diversas ações dentro da instituição, que repercutiram na historiografia sobre os pintores afastados desde então.

Durante a década de 1940, as discussões sobre a criação de uma universidade para a Bahia exigiram a união entre as diversas unidades de ensino superior a fim de concretizar o projeto. Uma das premissas era um levantamento histórico de cada unidade. Na Ebab não foi diferente.

Octávio Torres ficou responsável por reunir informações sobre a história da Escola, dificultada, em grande parte, pela falta de registro em texto e pelo afastamento de todos os antigos professores. Para resolver esse problema, ele solicitou uma breve biografia de seus professores; além disso, a Congregação propôs a Raimundo Aguiar, um dos antigos alunos de Oséas Santos, que fosse falar com o antigo mestre para que escrevesse suas memórias sobre os principais fatos desde a fundação da Antiga Academia. Lembramos que Oséas Santos estudou com o próprio Cañizares nos primeiros anos de fundação da instituição, permanecendo até a sua suspensão e aposentadoria compulsória, em 1931 (ALVES DOS SANTOS, 1942, p. 6).

Observem que os professores contratados, no final da década de 1920, não detinham as memórias da Escola; por isso, resolveram enviar um de seus ex-alunos na tentativa de comover o velho professor. Oséas atendeu ao pedido, registrando suas memórias e incluindo todo o conflito. Parte desse texto se preserva nos arquivos da Escola. Podemos compará-lo com o texto completo, preservado no Instituto Geográfico e Histórico de Sergipe (IGHSE), pois Isaura dos Santos, a filha de Oséas Santos entregou uma cópia para preservar suas memórias.

A pesquisa desenvolvida por Octávio Torres registrou de forma simplificada, a biografia de alguns artistas e engenheiros/arquitetos ligados à Escola. Os professores afastados foram incluídos com notas superficiais e até depreciativas. Esse documento recebeu o título de “Breve biografia resumida dos professores da Ebab desde sua fundação até 1955”. Em seus relatos, menciona alguns fatos e evita outros aqui

identificados. Essas escolhas criaram lacunas históricas profundas para entender o período anterior à saída dos professores estudados por nós. Para Le Goff (2013, p. 494) “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de força que aí detinham o poder”.

Jean Glénisson (1977, p. 136) explica melhor sobre o documento histórico. Os testemunhos “voluntários”, despertam a desconfiança, mesmo quando autênticos. Para o autor, tais documentos raramente são isentos de uma preocupação em defender alguma doutrina, teoria ou ideia. Dessa forma, também analisamos o texto de Oséas com maior crítica, confrontando-o com outras fontes.

A história desenvolvida sobre a Escola, após o conflito, criou um hiato entre Manoel Lopes Rodrigues e os pintores Presciliano Silva, Mendonça Filho e Alberto Valença. Falar que os consagrados conseguiram espaço devido à superioridade de suas pinturas, não explica o esquecimento dos outros pintores. Para Sperber (1996, p. 32, apud CANDAU, 2019, p. 38) “a memória coletiva, afinal, não é outra coisa que a transmissão a um grande número de indivíduos das lembranças de um único homem ou de alguns homens, repetidas vezes”.

A história da Escola deixa de mencionar toda a gestão do diretor Eduardo Dotto, entre 1900 e 1927. Desse período até a incorporação da Ebab na UBA, em 1947, passaram-se quase vinte anos. Durante as sucessivas gestões dos engenheiros, ocultou-se as acusações e evitou-se tocar no assunto que motivou o afastamento dos professores. Mesmo em solicitações oficiais dos professores afastados, não se comentou sobre o fato, registrando-se outras explicações como “afastados por extinção da cátedra” ou “suspensão por resolução da Congregação”.

Mesmo aqueles que não estavam ligados diretamente ao problema, como Maria Porcina Caçador Dotto, também foram afastados por defenderem os acusadores. A professora Maria Constança Lopes Rodrigues (1855 - 19.03.1929) não estava mais na Escola quando o conflito se intensificou. Sua última participação em reunião de Congregação foi no dia 04 de fevereiro de 1929 (ATA... 1929, p. 170).

A Professora Maria Celia Calmon, em 1949, ao traçar um histórico da Escola, comentou que alguns professores “desertaram” no decorrer dos anos, mencionando o nome de Braz do Amaral. Acreditamos que seu discurso estava associado a todos

aqueles professores que deixaram a Escola em 1931, não por abandono e sim por imposição da Congregação após discordarem da Gestão de José Nivaldo Allionni. Do grupo dos antigos professores da Escola, os únicos a abandonarem suas disciplinas durante a suspensão das subvenções foram José Frederico Allionni e Francisco Vieira de Campos, sendo o primeiro, um dos fundadores da Academia baiana. O afastamento de Braz do Amaral, ocorreu após ter sido eleito deputado federal no final da década de 1920.

Depois da federalização da Escola na década de 1950, a UBA financiou diversos anais sobre as memórias de suas unidades de ensino. Entre 1953 e 1956, diversos professores da Ebab escreveram pequenos textos sobre a Academia e sobre questões relacionadas às suas disciplinas. O curso de arquitetura se destaca nos relatos. Mendonça Filho (1955, p. 13) escreveu um pequeno artigo com o título “A margem de uma introdução”. No texto, o então diretor indica datas importantes para a Escola, como sua fundação, em 1877; o início do curso de arquitetura; o reconhecimento dos cursos da Escola, em 1929 (Lei estadual nº2216); e o reconhecimento federal dos cursos de Pintura, Escultura e Gravura, em 1943. Sobre os antigos professores, nenhuma referência. Mendonça Filho relata as dificuldades do curso de arquitetura em conseguir o reconhecimento nacional de suas atividades e os entraves políticos desfeitos com a ajuda dos deputados baianos Ruy Santos e Juracy Magalhães, que possibilitaram aos alunos do curso de arquitetura exercerem sua profissão por todo território nacional.

Octávio Torres apresentou os textos “As medalhas premias” (TORRES, 1953, p. 43 a 50), e “Desenho histórico da Ebab” (1953, p.191 a 215.), ambos comentam sobre as primeiras décadas da Escola, utilizando informações das Atas de Congregação e das memórias de alguns professores. Carlos Sepúlveda (1955, p. 109), em seu texto “O que deu origem a fundação Academia de Belas Artes”, repetiu informações do texto de Manuel Querino sem citar o historiador baiano.

Octávio Torres (1953, p. 35) também produziu um texto sobre a “História da cadeira de Anatomia e Fisiologia Artística”, demonstrando conhecimento histórico relacionado à Escola, fato indicador de que ele leu as atas das primeiras décadas da Academia, registrando algumas informações que interessavam a sua pesquisa. Tanto no texto sobre a cadeira de Anatomia quanto na breve biografia dos professores, deixa de citar

informações que evidenciavam a participação dos antigos professores. Vale destacar que Octávio Torres apresentava a gestão Allionni como salvadora da Escola, resolvendo tudo que era apontado como problemas da gestão anterior.

No “Discurso de posse” de Américo de Simas Filho (1955, p. 323), reproduzido nos Arquivos da Universidade, o engenheiro comenta que o seu pai, Américo Furtado de Simas, foi integrante da Congregação e Diretor eleito de 30 de maio de 1941 a 21 de janeiro de 1944, sendo substituído por Mendonça Filho. Simas Filho (1955, p. 334) foi o único a lembrar dos professores “abnegados”, entre eles Agrippiniano de Barros, Oséas Santos, Etelvina Soares e Maria Constança Lopes Rodrigues (alguns dos afastados): “[...] passando por todas as dificuldades possíveis e imagináveis, nunca perderam o ideal, jamais desistiram da luta, em tempo algum permitiram a descontinuidade de seu funcionamento [...]”.

Vale destacar aqui o comentário de José Valladares em seu texto “As Belas Artes na Bahia de hoje”:

Muitos sofreram alguns dos nossos artistas durante os anos que era preciso especial diligencia para ganhar a vida com essa profissão. Manuel Lopes Rodrigues, vencido pelo desânimo, chegou ao ponto de abrir uma loja; grande parte de sua obra foi vendida após sua morte, num leilão promovido pelos amigos da família. Outros aceitaram empregos públicos, ou entraram no magistério secundário, pois não era possível confiar na venda dos seus trabalhos para atender as necessidades de família [...] (VALLADARES, 1954)

Segundo Barbosa (2009, p.3), as crônicas referentes às artes publicadas pelo Diretor do Museu de Arte da Bahia (MAB), Jose Valladares, entre 1948 e 1950, tratam de um período de profunda transformação no campo artístico baiano. Ele relatou que até 1947 “ainda predominava nas artes a influência do academicismo”. Saldanha (2021, p. 26), reflete sobre o papel de José Valladares como Diretor do MAB:

Assim, no debate sobre identidade nacional, um campo cultural composto de artistas e intelectuais buscou equacionar o binômio modernismo e nacionalismo através de políticas que conciliassem tradição e a questão da modernidade no Brasil. A perspectiva modernista alimentada pelos intelectuais na Era Vargas, trouxe também a ideia de que essa condição seria um objeto de superação das crises internas que acometiam o país.

Além do Renascimento Cultural, iniciado pela UBA, existia um grande anseio por parte dos meios culturais. Para Maria Helena Ochi Flexor (2004, p. 5), a criação da revista *Cadernos da Bahia*, lançada em 1948 por Carlos Vasconcelos, a instalação da Galeria

Oxumaré e os Salões Baianos de Belas Artes foram marcos importantes para a “propagação e defesa da arte moderna”.

A professora Selma Ludwig (1977) desenvolveu um pequeno livreto para as comemorações do centenário da Escola, focando nas transformações estéticas e conceituais das décadas de 1950 e 1960. Comenta, de forma breve, sobre a fundação da Academia e os primeiros professores, deixando uma enorme lacuna temporal entre 1900 e a década de 1940, passando a evidenciar as transformações das vanguardas mundiais e as transformações artísticas na Bahia. Era um discurso modernista com certeza!

A professora aponta como primeira manifestação renovadora, o surgimento dos Salões de ALA, em 1937. Ao comentar sobre a formação de Mendonça Filho, lembra que foi discípulo de Oséas Alves dos Santos, algo que nem ele mesmo reconheceu, pois era recorrente em seu depoimento que foi orientado pelo escultor Pasquale de Chirico. Evidentemente, seu trabalho utilizou os documentos publicados anteriormente além de suas memórias.

Alguns anos depois, em 1982, Selma Ludwig apresentou uma dissertação com o tema “*Mudanças na vida cultural de Salvador 1950 – 1970*” dentro do programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Neste trabalho, Selma Ludwig (1982, p. 14) revisa historicamente a Bahia oferecendo um panorama da situação sócio-econômica do Século XIX e início do XX. Indica as transformações urbanas, as aulas públicas de desenho dirigidas por Antonio Joaquim Franco Velasco (1813); a criação do Liceu de Artes e Ofícios (1872) e a fundação da Academia de Belas Artes (1877). A professora nesse trabalho segue a mesma dinâmica em valorizar a renovação modernista. Não revela informações sobre os artistas do que chamou de “academismo morto” (LUDWIG, 1982, p.153).

Maurice Halbwachs (1990, p. 13), em estudo sobre a memória e o esquecimento, lembra que o depoimento “só faz sentido em relação a um grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento real outrora vivido em comum [...]”.

A memória coletiva se utiliza das lembranças individuais, dos interesses das classes dominantes, e de sistemas políticos. A memória pode glorificar ou demonizar o passado, podendo mudar com os interesses econômicos,

políticos ou intelectuais, portanto, uma reconstrução do passado que nunca está desvinculada dos interesses pessoais ou do grupo que o indivíduo pertence (HALBWACHS, 1990, p.13).

Dentro do discurso renovador, aqueles artistas foram sistematicamente apagados da história. No acervo artístico da Escola, nenhuma obra de Vieira de Campos, Oséas Alves dos Santos, Etelvina Rosa Soares e Maria Constança Lopes Rodrigues foi preservada. De Antonio Olavo Baptista, possuímos apenas a academia⁴ (prêmio de Viagem de 1901) e alguns estudos (atribuídos), mesmo ele tendo enviado à Escola cópias de obras de museus franceses, conforme relatos de jornais. De Lourenço Conceição, a Escola só preserva a prova do concurso.

Clarival do Prado Valladares, um historiador comprometido com as vanguardas modernas, como se autointitulava, assumiu a cadeira de História das Artes, em 1962, a convite do Reitor Edgard Santos, substituindo Francisco da Conceição Menezes (VALLADARES, 1980, p. 24). Presciliano Silva foi o seu defensor diante da oposição de parte da Congregação. Valladares registra: “haveria de criar compreensível oposição dos mestres tradicionalistas”. Como percebemos, havia uma ligação de amizade entre o cronista e o artista. Logo depois, Valladares desenvolveu os estudos sobre Presciliano Silva (1973) e Alberto Valença (1980).

Valladares também pretendia desenvolver um livro sobre Mendonça Filho, objetivo que não chegou a concretizar. Quando Valladares (1973, p. 84) comenta sobre a passagem de Presciliano por Paris, cita que Olavo Baptista passou por um “esgotamento nervoso” e que nunca se recuperou, acabando seus dias em Alagoas, sua terra natal.

Demonstraremos que, embora tenha permanecido em Alagoas depois que retornou de Paris, regressou à Bahia e foi professor na Ebab durante a década de 1920, até que foi suspenso e demitido da instituição, seguindo para o sul do estado, onde se estabeleceu como artista, falecendo na cidade de Itajuípe em 1954.

⁴ Estudo do corpo nu.

De 1970 em diante, vários artigos sobre a Escola foram publicados em jornais de Salvador. Os textos, em sua maioria, valorizam os artistas modernos, embora, em alguns momentos, breves comentários fossem traçados sobre a história da Escola.

Outros trabalhos, no âmbito nacional, também lembraram dos pintores consagrados ligados à Escola. Vale destacar o texto sobre a Pinacoteca do Estado da Bahia (1990) e sobre a história da pintura brasileira no Século XIX, no qual o professor Quirino Campofioritto (1983) registrou informações sobre alguns artistas baianos.

Um dos poucos trabalhos a valorizar um dos pintores esquecidos foi o texto de José Augusto Berbet, para o jornal *A Tarde*, sobre o centenário de nascimento de Robespierre de Farias (BERBET, 1984, p. 2). O texto faz um apanhado histórico, relatado por ex-alunos da década de 1940, no então Ginásio da Bahia, além de informações colhidas com a filha de Robespierre, Rejane Edith de Faria Cunha. Berbet revela algumas informações inéditas: Robespierre “tinha horror de badalações, não se divulgava nem se promovia”. O autor alertava para o esquecimento do artista que não recebeu homenagens na Bahia. Revelou também que o pintor realizava uma decoração em porcelana muito delicada, além de realizar miniaturas com “perfeição assombrosa”.

Valladares (1985, p.128), em seu livro *“Brasil – Arte do Nordeste”*, destaca Manoel Querino e Acácio França e as suas crônicas sobre as artes. Relaciona “O novo e o velho”, desde a Escola Baiana de Pintura até a Academia de Belas Artes, além de sua Influência nas artes baianas. Reverencia os pintores Vieira de Campos, Manoel Lopes Rodrigues e Antonio Lopes Rodrigues. Também comenta sobre os novos talentos. Chama a atenção para a impossibilidade de saber se outros pintores mantiveram o mesmo nível de pintura dos consagrados, sintetizando a pintura baiana, do início do Século XX, nas figuras de Presciliano Silva, Alberto Valença e Mendonça Filho, repetindo o discurso iniciado na década de 1930.

Carlos Eduardo da Rocha (1992, p. 17) em capítulo sobre “As artes plásticas na Bahia”, se refere à influência que a Ebab exercia nas artes no início do Século XX, destacando também a figura de Manoel Lopes Rodrigues e trazendo informações que já eram comuns a textos anteriores. Mais uma vez reforça as qualidades do pintor

Presciliano Silva e o papel dos Salões de ALA. Entre os pintores mais velhos, “já esquecidos”, apenas Oséas Santos mereceu uma breve menção.

O Professor Juarez Paraíso organizou e publicou um catálogo com o título “Belas Artes – 1877 a 1996”. Nesse documento, utilizado por muitos pesquisadores, comenta que era importante ressaltar a presença de Manuel Querino e Oséas Santos, primeiros alunos que viriam a ser os cronistas e principais testemunhos dos primeiros anos da Abab (PARAÍSO, 1996, p. 10). Cita diversos professores que também são mencionados no texto de Américo Simas Filho (1953), os quais, em sua maioria, foram professores que entraram na Escola na gestão de José Nivaldo Allionni, depois de 1928.

Vale a pena revisar uma informação do catálogo organizado pelo Professor Juarez Paraíso. O engenheiro fundador da Abab era José Frederico Allioni e não seu filho José Nivaldo Allionni que só entra na Escola na década de 1920.

A pesquisa do Professor Juarez Paraíso é importantíssima por registrar, principalmente, as renovações modernas ocorridas na Escola, sendo possível observar que em suas referências, entre outras, ele utilizou os textos de Selma Ludwig, Roberto Pontual (1979) sobre arte moderna na Bahia, além do Catálogo de exposição *Mendonça Filho 100 anos*, de 1995.

Sante Scaldaferrri (1997, p. 153), resgatando a memória de José Tertuliano Guimarães, registra seu estranhamento por nunca ter ouvido falar do pintor Lourenço Conceição. Este foi o único texto da segunda metade do Século XX a citar esse artista.

Com a chegada do Século XXI, vale destacar Afrânio Mário Simões Filho (2003) e seu texto sobre os “Retratos Baianos”. O autor se aprofundou em documentos primários de algumas instituições centenárias de Salvador, ampliando a pesquisa sobre a arte baiana na transição do Século XIX para o XX. Simões Filho comenta sobre a obra de Oséas Santos e de Vieira de Campos, destacando que “Vieira de Campos era o pintor mais procurado pela elite burguesa e política da Bahia”. Falaremos mais sobre esse texto.

A professora Maria Célia Barreto Gomes (2005) publicou um trabalho ressaltando o papel da mulher entre os anos de 1900 e 1945. Por não ser o foco de sua pesquisa, nada comenta sobre os pintores pesquisados por nós.

Em sua pesquisa sobre a pintura baiana na transição do Barroco ao Neoclássico, Suzana Alice Silva Pereira (2005, p. 60) chega a comentar sobre Vieira de Campos e Archimedes José da Silva, sem ampliar a biografia dos artistas. José Avancini (2006), em seu texto “Pintores paisagistas baianos: três artistas de talento”, reflete sobre a economia baiana e seus reflexos na arte. Entre os artistas, destacou os consagrados, dando foco na produção de paisagem, iniciada por Presciliano Silva. Utilizou os estudos de Selma Ludwig e as biografias desenvolvidas por Clarival do Prado Valladares.

O Professor Juarez Paraíso (2005, p. 117), em entrevista à *Revista da Bahia* da Fundação Cultural, traçou um panorama de sua vida artística, revelando muitas informações sobre a Ebab. Ao ser indagado sobre a contribuição da Escola para o desenvolvimento das artes plásticas na Bahia, reforçou os artistas consagrados, ligando Manoel Lopes Rodrigues aos pintores Presciliano Silva, Alberto Valença, Mendonça Filho e Emídio Magalhães (PARAÍSO, 2005, p. 125). Do início da República, comentou pouco, apenas um parágrafo, dedicando seu texto a explorar toda movimentação moderna da qual fez parte.

No ano de 2013 defendemos a dissertação “*Manoel Ignácio de Mendonça Filho e a pintura de marinha na Bahia*”, destacando a produção do pintor, contribuindo para o conhecimento de sua produção artística e introduzindo alguns comentários sobre Robespierre de Farias. Naquele momento, já sinalizávamos divergências entre algumas informações registradas nas Atas de Congregação e outras matérias de jornais.

Fica evidente que há uma repetição de informações publicadas por Octávio Torres, Américo Simas, Carlos Sepúlveda e Mendonça Filho nas décadas de 1940 e 1950, que continuam a ser utilizadas para compreender a época. Nesses textos, muitos professores/pintores da Ebab, com grande produção artística, deixaram de ser mencionados, seja por desconhecimento ou por escolhas estéticas. Com isso, uma

ampla produção pictórica, desenvolvida na primeira metade do Século XX, ficou sem pesquisa, perdendo valor histórico, o que reflete em sua conservação e restauração.

Maria Helena Ochi Flexor (2002, p. 4) já evidenciava a utilização de textos baianos antigos “sendo utilizados indiscriminadamente pelos estudiosos como se o tempo, e outros trabalhos mais recentes, não desempenhassem nenhum papel dentro da história da arte baiana”.

É de vital importância recordarmos que as pesquisas na Ebab ganharam força na década de 1990, quando o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) foi criado, incentivando pesquisas sobre sua própria história. Também devemos reconhecer que a Escola nunca deixou de prestar reverências aos seus artistas consagrados. Manoel Lopes Rodrigues, Presciliano Silva, Alberto Valença e Mendonça Filho sempre foram valorizados. Isso criou um ciclo que interferiu no mercado de suas obras, sendo bastante valorizadas a partir da segunda metade do Século XX, motivando uma grande produção de conhecimento sobre os artistas. Em contrapartida, outros artistas ligados à Escola continuam esquecidos.